

Pesquisa no Brasil: Balanço e Perspectivas

Lúcia Barrenechea

Resumo: Este artigo é resultado da participação em Mesa Redonda sobre pesquisa em práticas interpretativas no XIV Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música, realizado em Porto Alegre, em agosto de 2003. O texto faz uma breve retrospectiva da situação da pesquisa em práticas interpretativas no Brasil nos últimos seis anos, e também promove reflexões sobre como o instrumentista, que também é docente, poderia aliar sua atividade de pesquisa à sua prática pedagógica.

Palavras-chave: Práticas interpretativas. Pesquisa no Brasil.

Abstract: This article is a result of a participation in a round table on musical performance research, which took place in the 14th Congress of the ANNPOM, in Porto Alegre, on August of 2003. This paper presents a brief retrospective on the situation of musical performance research in Brazil on the last six years, and also promotes a reflection about how the performer, who is also a teacher, could link his research activity with his pedagogical practice.

Key words: Performance. Brazilian research.

Em 1997, o professor Marcelo Guerchfeld, convidado para uma mesa de discussões sobre *pesquisa em música na universidade* no X Encontro Anual da ANPPOM, produziu um texto marcante sobre a pesquisa em práticas interpretativas. Neste texto, Guerchfeld lança uma série de perguntas que, a época, causavam discussão e debates acalorados: “devemos ser docentes e pesquisadores? Docentes e instrumentistas? Ou talvez, instrumentistas e pesquisadores?” ...“Os trabalhos publicados até agora, na subárea [de práticas interpretativas] e caracterizados como pesquisa, podem todos ser realmente considerados como tal?” “Pode-se falar em pesquisa em performance musical da mesma forma que se fala em pesquisa em outras áreas de conhecimento?”

Essas questões ainda conservam sua pertinência. Passados cinco anos, percebe-se que a pesquisa em práticas interpretativas no Brasil sofreu uma grande expansão, e isso é perceptível de várias maneiras. Desde

2000, a comunidade acadêmica conta com um periódico de tiragem semestral, dedicado exclusivamente à publicação de artigos na área de práticas interpretativas, *Per Musi – Revista de Performance Musical*, que é editada pelo programa de Pós-Graduação da Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais. Além disso, dois seminários sobre performance musical foram realizados em 2000 e 2002, em Belo Horizonte e Goiânia, respectivamente, ambos de âmbito nacional. O volume de comunicações de pesquisa nesses encontros foi expressivo e significativo, entretanto, sabemos através de nossos representantes junto aos órgãos de fomento, que a pesquisa em práticas interpretativas ainda é avaliada como inconsistente no que tange sua sistematização.

Odam afirma que “embora a pesquisa seja um processo diário, ela funciona e se apresenta diferentemente de acordo com suas necessidades, status e circunstâncias, tanto acadêmicas quanto políticas. O que pode ser considerado como útil e influenciador em uma circunstância pode não ser em outra, ou talvez nem atrair fomento para a pesquisa” (ODAM, 2001, p.78) Sabe-se que a tendência da política de ciência e tecnologia do país é de cortar mais e mais os gastos com pesquisa, principalmente de uma área como a de Artes. Portanto a questão do fomento envolve inúmeras outras variáveis além da questão da qualidade da pesquisa em práticas interpretativas.

A performance musical é uma atividade extremamente complexa, que envolve aspectos psicológicos, fisiológicos, pedagógicos, estéticos, históricos, técnicos, mecânicos, neurológicos, sociológicos, enfim, há uma gama de indagações que dizem respeito ao fazer musical e suas interfaces. Essa variedade de áreas e assuntos que se interrelacionam com as práticas interpretativas exige metodologias e sistematizações específicas, e isso é o que faz com que a pesquisa nessa área seja tão complexa e rica.

Um fato acompanha toda e qualquer pesquisa na área das práticas interpretativas: ela inevitavelmente produzirá conhecimento que, em algum momento, auxiliará o performer em sua praxis, seja ela tocar ou ensinar alguém a tocar. Como performer e professora de piano numa instituição de ensino superior, preocupo-me em desenvolver pesquisa que atenda a

minha prática do dia-a-dia. Ao investigar questões de pesquisa ligadas ao processo de aquisição de competência na área da performance musical, o pesquisador torna acessíveis ferramentas que podem ser usadas por ele, em seu fazer artístico, e por alunos, agentes que o levam a formular tais questões.

O ensino é uma atividade que o performer abraça mais cedo ou mais tarde, salvo raríssimas exceções. Ao travar contato com alunos, o performer-docente-pesquisador encontra um campo fértil de questionamentos que abrangem os mais variados campos de conhecimento: como adquirir independência nas decisões interpretativas? Como solucionar problemas de ordem técnica? Como desenvolver estratégias de estudo efetivas? Como combater a ansiedade de palco? Como lidar com o aluno que teve uma iniciação musical deficiente, ou tardia? Como avaliar o aluno em sua performance musical? Como lidar com o fator talento?

Estas são algumas das questões que podem ocorrer na prática docente. Cada uma delas provocam a interação da performance musical com uma outra área. Cabe ao performer-docente-pesquisador se equipar de ferramentas para se engajar num processo sistematizado de pesquisa investigando suas questões com rigor, para que possa validar resultados consistentes e úteis para si e para outros. Dentre as questões colocadas acima, me interessa sobremaneira o desenvolvimento de estratégias de estudo efetivas. Ao relatar sua pesquisa sobre aspectos cognitivos no contexto de um exame de performance musical, McCormick e McPherson afirmam que “apesar do estudo ser uma parte vital do desenvolvimento da capacidade de um musicista de tocar bem, isso não deveria ser considerado isolado das variáveis que envolvem a motivação” (MCCORMICK e MCPHERSON, 2003, p.40). Estes autores se referem à *auto-eficácia* como parte integrante das estratégias de estudo, e eles citam a definição deste termo feita por Albert Bandura, que seria “a convicção que o indivíduo possui, de que ele pode executar com sucesso determinado comportamento que produzirá o resultado desejado”, ou seja, um conceito ligado ao julgamento pessoal de habilidade e competência. De acordo com os autores desse artigo, essa área de pesquisa tem recebido muito pouca atenção, apesar de estar intimamente ligada ao

convívio diário de um instrumentista com sua prática. Cada instrumentista pode procurar saber individualmente como obter um melhor rendimento no seu estudo diário. Entretanto, ao estabelecer uma observação sistematizada do estudo de um determinado universo de instrumentistas, na tentativa de detectar padrões de procedimentos e estratégias utilizadas, pode-se produzir informações valiosíssimas que, acessíveis através de artigos, comunicações em congressos e palestras, irão beneficiar uma gama muito maior de instrumentistas em todos os níveis.

Uma outra questão que é timidamente investigada, mas que deveria receber uma maior atenção dos pesquisadores na área da performance musical, é a da avaliação. A avaliação é parte inerente do processo de ensino, incluindo, é claro, o ensino da performance musical. Como docente, tenho dilemas constantes sobre o quê, exatamente, define os critérios que norteiam a avaliação de alunos no processo de aprendizagem de um instrumento musical. De uma maneira geral, nos apoiamos em valores tradicionais e cristalizados para decidir se um aluno merece uma boa pontuação em sua performance; confiamos em nosso ouvido e nosso “bom gosto”. Mas, ao tentar racionalizar sobre o assunto, divergências surgem de todos os lados. Talvez por ser um assunto tão subjetivo e polêmico é que pouco se investiga nesse campo. Em 1991, Liane Hentschke apresentou no III Encontro Anual da ABEM, um texto muito esclarecedor sobre a avaliação do conhecimento musical de alunos, que pode ser considerado um ponto de partida geral para essa discussão, uma vez que aborda o conhecimento de música em geral, e não específico da área das práticas interpretativas. Um artigo mais específico sobre a avaliação em performance musical foi publicado no periódico on-line de música *Urucungo*, em agosto de 1998, de autoria de Eduardo Frederico Luedy Marques. Nesse artigo, Marques aponta os problemas decorrentes da falta de reflexão dos docentes em relação ao processo de avaliação e sugere caminhos a seguir em direção a procedimentos mais adequados nessa área da prática pedagógica.

De acordo com Christopher Frayling, citado por Odam em seu artigo, a competência em pesquisa na área das práticas interpretativas pode ser verificada através da habilidade de: “realizar uma investigação sistemática; abordar áreas contingentes de conhecimento, contexto e performance;

documentar o processo de origem de maneira que seja comunicável a seus pares numa forma permanente e reproduzível; desenvolver um argumento lógico e sustentável, contextualizado em discurso relevante; justificar ações e decisões relacionadas ao processo e ao produto; produzir algo que seja válido e original e de alta qualidade”(FRAYLING, apud ODAM, 2001, p.82). Ao observar rigorosamente esses aspectos apontados por Frayling, o performer poderá assumir confortavelmente seu papel de artista como pesquisador, afastando, dessa maneira, o estigma de desenvolver um trabalho de investigação não sistematizado.

As perguntas formuladas por Guerchfeld em 1997 têm estado presentes nas mentes de todos envolvidos no debate sobre a pesquisa em práticas interpretativas no Brasil. Acredito que já tenhamos chegado ao consenso de que todo docente instrumentista deva também ser um pesquisador, pois essa atividade é inerente a sua condição de educador em uma instituição de ensino superior. Entretanto, a atividade de pesquisa não pode privá-lo de exercer sua atividade primeira, aquela que gera a necessidade de reflexão, pensamento crítico e investigação, que é a performance. Nas universidades americanas, espera-se do professor instrumentista que ele toque com frequência e que toque bem, portanto, nada mais pragmático! Se ele desenvolve pesquisa de forma sistemática, produzindo artigos científicos, comunicando seus resultados em congressos, o faz por iniciativa pessoal. Na Europa, a performance nem é vinculada às universidades. O professor instrumentista é celebrado do alto de seu posto em um conservatório, novamente, por tocar bem e ser um grande pedagogo. No Brasil, esse tratamento diferenciado não existe, se o professor performer quer ter alguém destaque acadêmico, inevitavelmente deve trilhar o caminho da pesquisa sistematizada segundo os parâmetros de outras áreas de conhecimento que contam com processos de investigação consolidados.

Acredito que a área de práticas interpretativas no Brasil já tenha conquistado um espaço considerável nesta última meia década. Citando Mark Pattison, talvez tenhamos chegado a um momento propício para refletir sobre “como nos mostrar capazes, através de boas práticas de pesquisa, de lidar com experiências subjetivas e criar espaço para relatos pessoais sobre o que é importante, sobre o que está acontecendo”

(PATTISON, apud ODAM, 2001, p.85). Cabe a nós, docentes-instrumentistas-pesquisadores, definir se a maneira como realizamos nossa busca e nossas investigações é embasada, consistente e válida, mas o mais importante é que esta reflexão seja constante e nos permita, como disse Saville Kushner, “transformar velhos procedimentos em práticas novas quando necessário” (KUSHNER, apud ODAM, 2001, p.85).

Referências Bibliográficas

GUERCHFELD, Marcelo. “Pesquisa na Universidade Brasileira: Práticas Interpretativas”. In: X ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, Goiânia, 1997. *Anais...* Goiânia: UFG, 1997, p.43-48.

HENTSCHKE, Liane. Avaliação do conhecimento musical dos alunos: opção ou necessidade? In: III ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, Salvador, 1991. *Anais...* Salvador: ABEM, 1992, p.45-60.

MARQUES, Eduardo Frederico Luedy. “Avaliação em música: considerações para as práticas interpretativas”. *Urucungo* – On-line. agosto de 1998.

MCCORMICK, John e MCPHERSON Gary. “The role of self-efficacy in a musical performance examination: an exploratory structural equation analysis”. *Psychology of Music*. Londres, Volume 31, Número 1, 2003, p.37-51.

ODAM, George. “Research in the Arts: issues in the development of new and relevant techniques of arts research in music, the arts and arts education”. *Music Education Research*. Londres, Volume 3, Número 1, 2001, p.77-86.

Lúcia Barrenechea. Doutora em Piano e Pedagogia do piano pela Universidade de Iowa e Mestre pela Universidade de Boston, EUA. Atua intensamente como solista e camerista e é professora na Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás, em Goiânia, nos cursos de Graduação e de Mestrado em Música. Apresentou-se em 2002 na *I International Villa-Lobos Conference* realizada em Paris, como recitalista e palestrante.
e-mail: lucia.barrenechea@bol.com.br